

1

ALESSANDRA

Houve uma altura em que amei o meu marido. **A** sua beleza, ambição e inteligência. Amei as flores silvestres que apanhou para mim a caminho de casa, vindo do turno no cemitério, e dos beijos meigos que espalhava pelo meu ombro enquanto me recusava teimosamente a desligar o despertador.

Porém, isso aconteceu há já muito tempo, e agora, enquanto o vi entrar em casa pela primeira vez em várias semanas, tudo o que senti foi uma dor profunda e persistente nos mesmos lugares onde antes o amor morava.

— Chegaste a casa cedo — disse, apesar de ser quase meia-noite. — Como correu o trabalho?

— Bem. — O Dominic encolheu os ombros enquanto despia o sobretudo, revelando um fato cinzento imaculado e a camisa branca. Ambos feitos à medida, com um preço de mais de quatro dígitos. Para o Dominic Davenport, o reconhecido rei de Wall Street, nada menos do que o melhor. — O trabalho é o trabalho.

Deu-me um beijo mecânico nos lábios. Senti o aroma familiar a citrinos e a sândalo, um cheiro que me despertou os sentidos e me comprimiu o coração. Ele usava a mesma água-de-colónia há dez anos, desde que lha ofereci durante a nossa primeira viagem ao Brasil. Costumava achar esta demonstração de lealdade romântica,

mas o cinismo novo que se instalou em mim murmurou que só a usa porque nem se dá ao trabalho de procurar um aroma novo.

O Dominic não queria saber de nada que não lhe trouxesse dinheiro.

Passou os olhos pelos copos de vinho manchados de batom e pelas caixas com restos de comida chinesa em cima da mesa de centro. A nossa empregada estava de férias e eu ainda ia a meio das limpezas quando o Dominic chegou a casa.

— Tiveste visitas? — perguntou, soando apenas moderadamente interessado.

— Foram só as miúdas. — As minhas amigas e eu celebrámos nessa noite um marco financeiro para a minha pequena empresa de flores, que se aproximava do segundo aniversário, mas nem me dei ao trabalho de partilhar este feito com o meu marido. — Tínhamos combinado ir jantar fora, mas depois, à última hora, decidimos ficar por casa.

— Parece-me agradável. — O Dominic já estava com o telemóvel na mão. Tinha uma política bastante austera de nada de *e-mails* em casa, por isso, o mais certo era estar a verificar os mercados financeiros no Oriente.

Senti um nó a formar-se na garganta.

Ele continuava a ser tão deslumbrantemente bonito como quando o vi pela primeira vez na biblioteca da nossa faculdade. Cabelo louro-escuro, olhos azul-escuros e um rosto de traços esculpidos gravado numa expressão de melancolia permanente. Não era um rosto de sorriso fácil, mas gostava dele assim mesmo. Não havia nada de falso nele; quando sorria, era genuíno.

Quando foi a última vez em que qualquer um de nós sorriu para o outro como fazíamos no passado?

Quando foi a última vez em que me tocou? Não para sexo, mas com afeto e ternura casuais.

O nó da garganta apertou-se ainda mais, restringindo o fluxo de oxigénio. Engoli com força e forcei os lábios a curvarem-se.

— Por falar em jantar, não te esqueças da nossa viagem neste fim de semana. Temos reservas em DC para sexta-feira à noite.

— Não vou esquecer. — Tocou em qualquer coisa no ecrã do telemóvel.

— Dom. — A minha voz assumiu um tom mais firme. — É importante.

Ao longo dos anos, já aguentara dezenas de encontros em que ele não aparecera, viagens canceladas e promessas quebradas, mas o décimo aniversário do nosso casamento era especial. Ele não podia faltar.

O Dominic olhou finalmente para cima.

— Não me vou esquecer. Prometo. — Algo brilhou no seu olhar. — Já faz dez anos. Até me custa a acreditar.

— É verdade. — O meu sorriso era tão forçado que por pouco não me estalou o rosto. — Custa mesmo. — Hesitei e depois acrescentei: — Estás com fome? Posso aquecer-te um pouco de comida e falas-me do teu dia.

Ele tinha o terrível hábito de se esquecer de comer quando trabalhava. Conhecendo-o como conhecia, desde o almoço que não ingeria nada a não ser café. No início da empresa, eu visitava o escritório e certificava-me de que se alimentava, mas as visitas pararam quando a Capitais Davenport levantou voo e se tornou demasiado agitada.

— Não, ainda tenho umas coisas para tratar, de alguns clientes. Mais tarde, como qualquer coisa. — E estava de regresso ao telemóvel, com a testa franzida em sinal de grande concentração.

— Mas... — *Pensei que já tinhas acabado o trabalho por hoje. Não foi por isso que vieste para casa?*

Mordi a questão. Não valia a pena fazer perguntas para as quais já sabia a resposta.

Para o Dominic, o trabalho nunca acabava. Era a amante mais exigente do mundo.

— Não esperes acordada. Ainda vou estar algum tempo no escritório. — Os seus lábios roçaram o meu rosto enquanto passava por mim. — Boa noite.

Quando lhe respondi, já ele ia longe.

— Boa noite.

As palavras ecoaram pela nossa sala de jantar palaciana e vazia. Era a primeira vez em semanas que estava acordada a tempo de ver o Dominic a entrar em casa e, mesmo assim, a nossa conversa terminou antes de começar.

Pestanejei para afastar o ardor embaraçoso das lágrimas. Qual era o problema se o meu marido me parecia um estranho? Às vezes, até *eu* me sentia uma estranha quando me via ao espelho.

Afinal, era casada com um dos homens mais ricos de Wall Street, vivia numa casa linda pela qual a maior parte das pessoas daria um braço e tinha um pequeno e próspero negócio de flores que adorava. Não tinha motivos para chorar.

Controla-te, Ale.

Inspirei profundamente, endireitei os ombros e comecei a tirar as caixas de cartão vazias de cima da mesa. Quando acabei, a pressão por trás dos meus olhos desaparecera como se nunca tivesse existido.